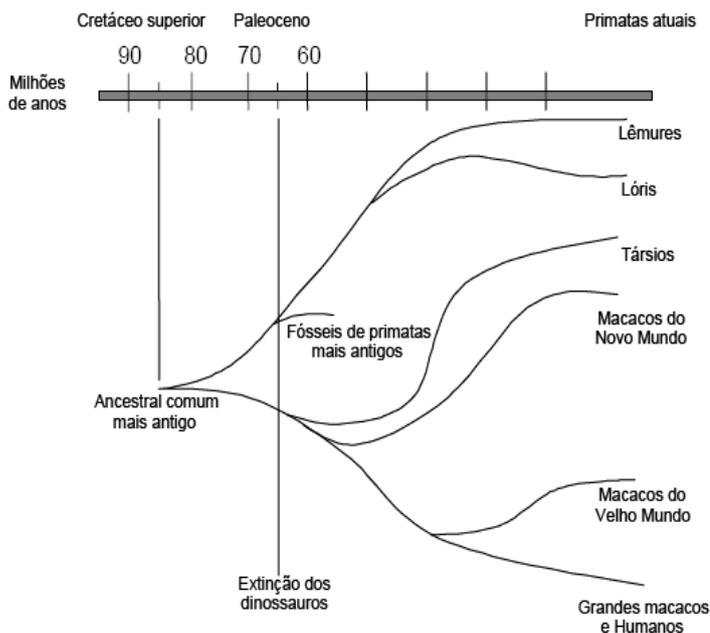


ENEM 2005

50

Foi proposto um novo modelo de evolução dos primatas elaborado por matemáticos e biólogos. Nesse modelo o grupo de primatas pode ter tido origem quando os dinossauros ainda habitavam a Terra, e não há 65 milhões de anos, como é comumente aceito. Examinando esta árvore evolutiva podemos dizer que a divergência entre os macacos do Velho Mundo e o grupo dos grandes macacos e de humanos ocorreu há aproximadamente

- (A) 10 milhões de anos.
 (B) 40 milhões de anos.
 (C) 55 milhões de anos.
 (D) 65 milhões de anos.
 (E) 85 milhões de anos.



(Fonte: Raquel Aquiar, *Ciência Hoje on-line* 13/05/02.)

51

Entre 1975 e 1999, apenas 15 novos produtos foram desenvolvidos para o tratamento da tuberculose e de doenças tropicais, as chamadas doenças negligenciadas. No mesmo período, 179 novas drogas surgiram para atender portadores de doenças cardiovasculares. Desde 2003, um grande programa articula esforços em pesquisa e desenvolvimento tecnológico de instituições científicas, governamentais e privadas de vários países para reverter esse quadro de modo duradouro e profissional.

Sobre as doenças negligenciadas e o programa internacional, considere as seguintes afirmativas:

- I- As doenças negligenciadas, típicas das regiões subdesenvolvidas do planeta, são geralmente associadas à subnutrição e à falta de saneamento básico.
 II- As pesquisas sobre as doenças negligenciadas não interessam à indústria farmacêutica porque atingem países em desenvolvimento sendo economicamente pouco atrativas.
 III- O programa de combate às doenças negligenciadas endêmicas não interessa ao Brasil porque atende a uma parcela muito pequena da população.

Está correto apenas o que se afirma em:

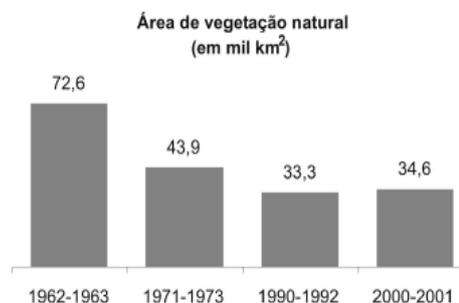
- (A) I. (B) II. (C) III. (D) I e II. (E) II e III.

52

Em um estudo feito pelo Instituto Florestal, foi possível acompanhar a evolução de ecossistemas paulistas desde 1962. Desse estudo publicou-se o Inventário Florestal de São Paulo, que mostrou resultados de décadas de transformações da Mata Atlântica.

Examinando o gráfico da área de vegetação natural remanescente (em mil km²) pode-se inferir que

- (A) a Mata Atlântica teve sua área devastada em 50% entre 1963 e 1973.
 (B) a vegetação natural da Mata Atlântica aumentou antes da década de 60, mas reduziu nas décadas posteriores.
 (C) a devastação da Mata Atlântica remanescente vem sendo contida desde a década de 60.
 (D) em 2000-2001, a área de Mata Atlântica preservada em relação ao período de 1990-1992 foi de 34,6%.
 (E) a área preservada da Mata Atlântica nos anos 2000 e 2001 é maior do que a registrada no período de 1990-1992.



(Fonte: *Pesquisa*, 91, São Paulo: FAPESP, set/2003, p. 48.)

53

Segundo a análise do Prof. Paulo Canedo de Magalhães, do Laboratório de Hidrologia da COPPE, UFRJ, o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco envolve uma vazão de água modesta e não representa nenhum perigo para o Velho Chico, mas pode beneficiar milhões de pessoas. No entanto, o sucesso do empreendimento dependerá do aprimoramento da capacidade de gestão das águas nas regiões doadora e receptora, bem como no exercício cotidiano de operar e manter o sistema transportador.

Embora não seja contestado que o reforço hídrico poderá beneficiar o interior do Nordeste, um grupo de cientistas e técnicos, a convite da SBPC, numa análise isenta, aponta algumas incertezas no projeto de transposição das águas do Rio São Francisco. Afirma também que a água por si só não gera desenvolvimento e será preciso implantar sistemas de escoamento de produção, capacitar e educar pessoas, entre outras ações.

(Adaptado. *Ciência Hoje*, volume 37, número 217, julho de 2005)

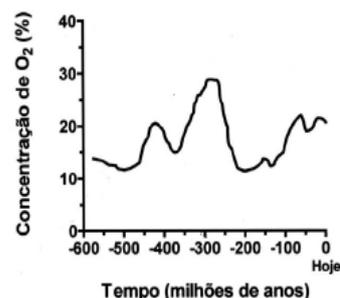
Os diferentes pontos de vista sobre o megaprojeto de transposição das águas do Rio São Francisco quando confrontados indicam que

- (A) as perspectivas de sucesso dependem integralmente do desenvolvimento tecnológico prévio da região do semi-árido nordestino.
- (B) o desenvolvimento sustentado da região receptora com a implantação do megaprojeto independe de ações sociais já existentes.
- (C) o projeto deve limitar-se às infra-estruturas de transporte de água e evitar induzir ou incentivar a gestão participativa dos recursos hídricos.
- (D) o projeto deve ir além do aumento de recursos hídricos e remeter a um conjunto de ações para o desenvolvimento das regiões afetadas.
- (E) as perspectivas claras de insucesso do megaprojeto inviabilizam a sua aplicação, apesar da necessidade hídrica do semi-árido.

54

Pesquisas recentes estimam o seguinte perfil da concentração de oxigênio (O_2) atmosférico ao longo da história evolutiva da Terra:

No período Carbonífero entre aproximadamente 350 e 300 milhões de anos, houve uma ampla ocorrência de animais gigantes, como por exemplo insetos voadores de 45 centímetros e anfíbios de até 2 metros de comprimento. No entanto, grande parte da vida na Terra foi extinta há cerca de 250 milhões de anos, durante o período Permiano. Sabendo-se que o O_2 é um gás extremamente importante para os processos de obtenção de energia em sistemas biológicos, conclui-se que



- (A) a concentração de nitrogênio atmosférico se manteve constante nos últimos 400 milhões de anos, possibilitando o surgimento de animais gigantes.
- (B) a produção de energia dos organismos fotossintéticos causou a extinção em massa no período Permiano por aumentar a concentração de oxigênio atmosférico.
- (C) o surgimento de animais gigantes pode ser explicado pelo aumento de concentração de oxigênio atmosférico, o que possibilitou uma maior absorção de oxigênio por esses animais.
- (D) o aumento da concentração de gás carbônico (CO_2) atmosférico no período Carbonífero causou mutações que permitiram o aparecimento de animais gigantes.
- (E) a redução da concentração de oxigênio atmosférico no período Permiano permitiu um aumento da biodiversidade terrestre por meio da indução de processos de obtenção de energia.

55

Os números de identificação utilizados no cotidiano (de contas bancárias, de CPF, de Carteira de Identidade etc) usualmente possuem um dígito de verificação, normalmente representado após o hífen, como em 17326-9. Esse dígito adicional tem a finalidade de evitar erros no preenchimento ou digitação de documentos.

Um dos métodos usados para gerar esse dígito utiliza os seguintes passos:

- multiplica-se o último algarismo do número por 1, o penúltimo por 2, o antepenúltimo por 1, e assim por diante, sempre alternando multiplicações por 1 e por 2.
- soma-se 1 a cada um dos resultados dessas multiplicações que for maior do que ou igual a 10.
- somam-se os resultados obtidos.
- calcula-se o resto da divisão dessa soma por 10, obtendo-se assim o dígito verificador.

O dígito de verificação fornecido pelo processo acima para o número 24685 é

- (A) 1.
- (B) 2.
- (C) 4.
- (D) 6.
- (E) 8.

Leia estes textos.



(QUINO. *O mundo da Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3)

Texto 2
Sonho Impossível

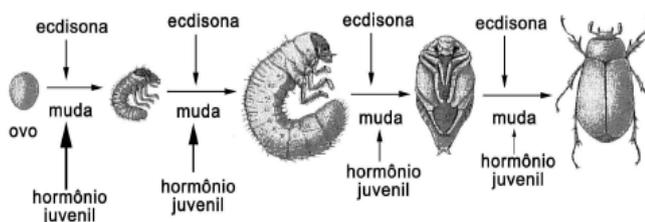
Sonhar	Não me importa saber
Mais um sonho impossível	Se é terrível demais
Lutar	Quantas guerras terei que vencer
Quando é fácil ceder	Por um pouco de paz
Vencer o inimigo invencível	E amanhã se esse chão que eu beijei
Negar quando a regra é vender	For meu leito e perdão
Sofrer a tortura implacável	Vou saber que valeu delirar
Romper a incabível prisão	E morrer de paixão
Voar num limite improvável	E assim, seja lá como for
Tocar o inacessível chão	Vai ter fim a infinita aflição
É minha lei, é minha questão	E o mundo vai ver uma flor
Virar esse mundo	Brotar do impossível chão.
Cravar esse chão	

(J. Darione – M. Leigh – Versão de Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra, 1972.)

A tirinha e a canção apresentam uma reflexão sobre o futuro da humanidade. É correto concluir que os dois textos

- (A) afirmam que o homem é capaz de alcançar a paz.
 (B) concordam que o desarmamento é inatingível.
 (C) julgam que o sonho é um desafio invencível.
 (D) têm visões diferentes sobre um possível mundo melhor.
 (E) transmitem uma mensagem de otimismo sobre a paz.

O desenvolvimento da maior parte das espécies de insetos passa por vários estágios até chegar à fase adulta, quando finalmente estão aptos à reprodução. Esse desenvolvimento é um jogo complexo de hormônios. A **ecdisona** promove as mudas (ecdíases), mas o **hormônio juvenil** impede que o inseto perca suas características de larva. Com o tempo, a quantidade desse hormônio diminui e o inseto chega à fase adulta.



Cientistas descobriram que algumas árvores produzem um composto químico muito semelhante ao **hormônio juvenil** dos insetos.

A vantagem de uma árvore que produz uma substância que funcione como **hormônio juvenil** é que a larva do inseto, ao se alimentar da planta, ingere esse hormônio e

- (A) vive sem se reproduzir, pois nunca chega à fase adulta.
 (B) vive menos tempo, pois seu ciclo de vida encurta.
 (C) vive mais tempo, pois ocorrem poucas mudas.
 (D) morre, pois chega muito rápido à fase adulta.
 (E) morre, pois não sofrerá mais mudas.

Leia estes poemas.

Texto 1 - Auto-retrato

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,

E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado

Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico* profissional.

(Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1983. p. 395.)

Texto 2 - Poema de sete faces

Quando eu nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.
(....)
Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é o meu coração.

(Carlos Drummond de Andrade. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 53.)

(*) tísico=tuberculoso

58

Esses poemas têm em comum o fato de

- (A) descreverem aspectos físicos dos próprios autores.
- (B) refletirem um sentimento pessimista.
- (C) terem a doença como tema.
- (D) narrarem a vida dos autores desde o nascimento.
- (E) defenderem crenças religiosas.

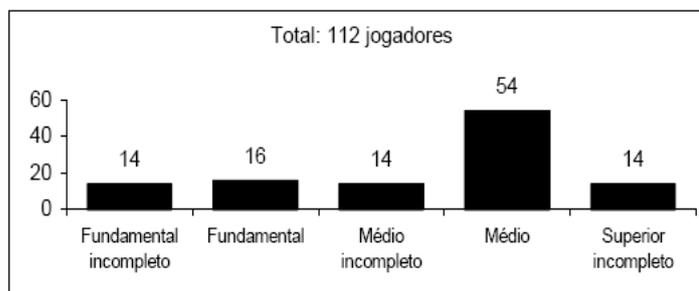
59

No verso "Meu Deus, por que me abandonaste" do texto 2, Drummond retoma as palavras de Cristo, na cruz, pouco antes de morrer. Esse recurso de repetir palavras de outrem equivale a

- (A) emprego de termos moralizantes.
- (B) uso de vício de linguagem pouco tolerado.
- (C) repetição desnecessária de idéias.
- (D) emprego estilístico da fala de outra pessoa.
- (E) uso de uma pergunta sem resposta.

60

A escolaridade dos jogadores de futebol nos grandes centros é maior do que se imagina, como mostra a pesquisa abaixo, realizada com os jogadores profissionais dos quatro principais clubes de futebol do Rio de Janeiro. De acordo com esses dados, o percentual dos jogadores dos quatro clubes que concluíram o Ensino Médio é de aproximadamente:



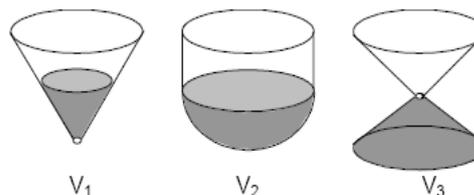
(O Globo, 24/7/2005.)

- (A) 14%.
- (B) 48%.
- (C) 54%.
- (D) 60%.
- (E) 68%.

ENEM 2005

61

Os três recipientes da figura têm formas diferentes, mas a mesma altura e o mesmo diâmetro da boca. Neles são colocados líquido até a metade de sua altura, conforme indicado nas figuras. Representando por V_1 , V_2 e V_3 o volume de líquido em cada um dos recipientes, tem-se



$$V_1 = V_2 = V_3$$

(A)

$$V_1 < V_3 < V_2$$

(B)

$$V_1 = V_3 < V_2$$

(C)

$$V_3 < V_1 < V_2$$

(D)

$$V_1 < V_2 = V_3$$

(E)

62

Um problema ainda não resolvido da geração nuclear de eletricidade é a destinação dos rejeitos radiativos, o chamado "lixo atômico". Os rejeitos mais ativos ficam por um período em piscinas de aço inoxidável nas próprias usinas antes de ser, como os demais rejeitos, acondicionados em tambores que são dispostos em áreas cercadas ou encerrados em depósitos subterrâneos secos, como antigas minas de sal. A complexidade do problema do lixo atômico, comparativamente a outros lixos com substâncias tóxicas, se deve ao fato de

- (A) emitir radiações nocivas, por milhares de anos, em um processo que não tem como ser interrompido artificialmente.
- (B) acumular-se em quantidades bem maiores do que o lixo industrial convencional, faltando assim locais para reunir tanto material.
- (C) ser constituído de materiais orgânicos que podem contaminar muitas espécies vivas, incluindo os próprios seres humanos.
- (D) exalar continuamente gases venenosos, que tornariam o ar irrespirável por milhares de anos.
- (E) emitir radiações e gases que podem destruir a camada de ozônio e agravar o efeito estufa.

63

Leia o texto e examine a ilustração:

Óbito do autor

(...) expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: – "Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isto é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado." (...)



(Adaptado. Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ilustrado por Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943. p.1.)

Compare o texto de Machado de Assis com a ilustração de Portinari. É correto afirmar que a ilustração do pintor

- (A) apresenta detalhes ausentes na cena descrita no texto verbal.
- (B) retrata fielmente a cena descrita por Machado de Assis.
- (C) distorce a cena descrita no romance.
- (D) expressa um sentimento inadequado à situação.
- (E) contraria o que descreve Machado de Assis.

 Português — QUESTÕES de 01 a 10

INSTRUÇÃO: Assinale as proposições verdadeiras, some os números a elas associados e marque o resultado na Folha de Respostas.

QUESTÕES de 01 a 04

Os muitos livros que temos e que envolvem, de maneira descritiva, ensaística ou ficcional, o território chamado Brasil e o povo chamado brasileiro, sempre serviram a nós de *farol* (e não de *espelho*, como quer uma teoria mimética apegada à relação estreita entre realidade e discurso). Com a sua ajuda e fecho de luz é que temos caminhado, pois eles iluminam não só a vasta e multifacetada região em que vivemos, como também a nós, habitantes que dela somos, alertando-nos tanto para os acertos quanto os desacertos administrativos, tanto para o sentido do progresso moral quanto para o precipício dos atrasos irremediáveis. São eles que nos instruem no tocante às categorias de análise e interpretação dos valores sociais, políticos, econômicos e estéticos que —

5 –

10 – conservadores, liberais ou revolucionários; pessimistas, entreguistas ou ufanistas — foram, são e serão determinantes da nossa condição no concerto das nações do Ocidente e, mais recentemente, das nações do planeta em vias de globalização.

O interesse mais profundo e direto que esses livros manifestam não é pelo habitante privilegiado desde a primeira hora. Aquele que, ao se transplantar de lá para cá, recebeu benesses, ou aquele outro que foi alvo de ato de nomeação para ocupar cargo oficial, auferindo altos proventos e jurando obediência irrestrita à Coroa portuguesa. Interessam-se, antes e quase que exclusivamente, pelo habitante que, já nascido nestas terras, buscava construir (ou inventar) um pequeno domínio de que seria proprietário exclusivo, sem reconhecer os limites das amarras políticas e fiscais metropolitanas, ou ainda pelo estrangeiro que, ao adotar a nova pátria, queria colonizá-la à sua própria maneira, dela extraíndo o que havia de mais rentável para si próprio e para os seus descendentes. Todos eles procuravam se autodefinirem e definir as várias regiões do país em palavras, gestos e ordens de independência (sempre relativa, é claro) com relação aos países europeus e, a partir do século XIX, com relação a todo e qualquer país que questionasse a soberania nacional.

15 –

20 –

25 –

[...]

Temos de acrescentar que são poucos os países do Novo Mundo que podem ostentar pensadores com esse conhecimento e erudição, livros meditados e escritos com tanta fibra e coragem, com esse transbordante amor pelo país e os brasileiros, de que falou José Guilherme Merquior, amor que não se confunde com as declarações apaixonadas, retóricas e inócuas dos aventureiros da primeira e da última hora, expostas em livrecos que buscam agradar os poderosos do momento e os pouco escrupulosos. [...] Para melhor compreenderem a nação e os cidadãos — nas suas origens, no seu devir colonial e, finalmente, soberano —, nossos pensadores avançam os olhos por todo o mapa do país, tomam emprestado lunetas para melhor alcançar outras épocas e outras civilizações, com o intento de chamar a atenção para as grandes conquistas que foram feitas desde sempre, pelo mais anônimo dos índios e dos escravos, passando pelos lavradores, faiscadores, trabalhadores, funcionários públicos, profissionais liberais, latifundiários, capitães de indústria, etc., tornando o país uma das nações mais adiantadas

30 –

35 –

- 40 – da América Latina, mas também querem acercar-se das causas das injustiças sociais, combatê-las pelas armas da palavra, saber o porquê de tanta miséria e sofrimento por parte de um povo, no entanto, trabalhador e sempre disposto a buscar a prosperidade e o progresso moral seja dos seus, seja da nação. Brasil, o nosso “claro enigma”.

SANTIAGO, Silviano. (Coord.), **Intérpretes do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. v. I. p. XV- XLVIII.

Questão 01

Do ponto de vista temático, o texto põe em destaque

- (01) o papel progressista que exercem os administradores portugueses na configuração da sociedade brasileira.
- (02) a importância da produção bibliográfica brasileira na construção do pensamento nacional.
- (04) o compromisso social e a qualidade das análises dos pensadores brasileiros.
- (08) a condição de miséria e sofrimento do brasileiro como consequência de sua passividade e inoperância.
- (16) a contribuição de diferentes segmentos da população na construção da nação brasileira.
- (32) a preocupação dos pensadores brasileiros em explicar e combater as injustiças sociais.
- (64) a transparência da realidade social tal como analisada pelos pensadores que a têm estudado.



Questão 02

Constituem afirmações verdadeiras sobre o texto:

- (01) A expressão “de maneira descritiva, ensaística ou ficcional” (ℓ. 1-2) é uma ressalva que acentua a natureza abrangente da produção bibliográfica nacional que toma o Brasil como tema.
- (02) Ao fazer oposição entre “farol” (ℓ. 3), e “espelho” (ℓ. 3), o autor critica o ponto de vista que relaciona, de modo simplista, linguagem e sociedade.
- (04) A qualificação “estreita” (ℓ. 3) é um juízo de valor que expressa uma idéia de dimensão.
- (08) Nos fragmentos “conservadores, liberais ou revolucionários”(ℓ. 10) e “pessimistas, entreguistas ou ufanistas” (ℓ. 10), “conservadores” se opõe a “revolucionários” assim como “entreguistas” se opõe a “ufanistas”.
- (16) A afirmação “foram, são e serão determinantes [...] do Ocidente” (ℓ. 11-12), aplicada a valores sociais, políticos, econômicos e estéticos, acentua o caráter eventual do que se declara.
- (32) O enunciado “O interesse mais profundo e direto que esses livros manifestam não é pelo habitante privilegiado desde a primeira hora.”(ℓ. 13-14) encerra simultaneamente uma afirmação e uma negação.
- (64) A produção literária brasileira caracteriza-se pela descrição do território nacional.



Questão 03

“Todos eles procuravam se autodefinirem e definir as várias regiões do país em palavras, gestos e ordens de independência (sempre relativa, é claro) com relação aos países europeus e, a partir do século XIX, com relação a todo e qualquer país que questionasse a soberania nacional.” (l. 22-25).

Em relação ao fragmento transcrito, é correto afirmar:

- (01) “Todos eles” recupera anaforicamente “esses livros” (l. 13).
- (02) “se autodefinirem e definir” completa o sentido de “procuravam”.
- (04) “em palavras, gestos e ordens de independência” traduz uma restrição em relação ao verbo “definir”.
- (08) “(sempre relativa, é claro)” é uma avaliação crítica que momentaneamente interrompe um processo declarativo.
- (16) “com relação aos países europeus” expressa uma generalização, que é ratificada e ampliada no fragmento “com relação a todo e qualquer país”.
- (32) “todo e qualquer” é uma expressão que exemplifica uma incoerência semântica, visto que os vocábulos são antitéticos.
- (64) “que questionasse a soberania nacional” amplia o significado de “país”.

Questão 04

Sobre as relações morfossintáticas e/ou semânticas do último parágrafo do texto, pode-se afirmar:

- (01) “poucos” (l. 26) quantifica “países” (l. 26), assim como “tanta”(l. 28) intensifica “fibra e coragem” (l. 28).
- (02) “Novo Mundo” (l. 26) para “América Latina” (l. 39), bem como “América Latina” (l. 39) para “Brasil” (l. 42), configuram hiperonímias.
- (04) “que” (l. 28), na expressão “de que falou José Guilherme Merquior” (l. 28-29), é um mecanismo de coesão que evita repetir “pensadores com esse conhecimento e erudição, livros meditados e escritos com tanta fibra e coragem” (l. 27-28).
- (08) “expostas” (l. 30) está grafada no plural, porque concorda com os antecedentes “da primeira e da última hora” (l. 30).
- (16) “que buscam agradar os poderosos do momento e os pouco escrupulosos” (l. 31) é uma declaração que, no contexto, pode aplicar-se semanticamente tanto a “declarações” (l. 29) e “aventureiros” (l. 30) como a “livrecos” (l. 31).
- (32) Em “**Para** melhor compreenderem a nação e os cidadãos” (l. 32) e em “**com o intento de** chamar a atenção” (l. 35), os termos em negrito expressam, respectivamente, idéias de concessão e de modo.
- (64) “mas também” (l. 39) e “no entanto” (l. 41) são marcadores de coesão textual que introduzem idéias opostas às assertivas imediatamente anteriores na frase.

Questão 05

- Não que ele acreditasse nessas coisas, mas a verdade era que todos os que falavam pela deusa Ifá, a que tudo sabe, sempre disseram a Zé Popó que ele era de Oxóssi. Um belo Oxóssi tinha ele, um belíssimo, simpático e valente Oxóssi, orixá caçador da madrugada, comedor de galo, perito no arco e flecha. Zé Popó não dizia nada,
- 5 – mas todos os babalaôs, todos os babalorixás e ialorixás jogadores de búzios e contas, sem conhecer uns aos outros e sem nunca tê-lo visto antes, diziam sempre que Oxóssi estava perto. Acostumou-se então com o orixá, aprendeu a preferir sua cor azul-clara e descobriu, com grande surpresa, que já de nascença não gostava do que ele não gostava: não gostava de formiga, não gostava de quiabo, não gostava de mel de abelha. Tudo
- 10 – quizila de Oxóssi, mas ele não sabia, só foi saber depois de grande.
- Enfim, são coisas que podem ser ou podem não ser, só que Zé Popó, primeiro destacado para a faxina da cozinha, mas, logo depois do toque de parada, requisitado para servir como um dos ordenanças do oficial de estado de seu batalhão, passando a primeira parte da manhã sem ter muito o que fazer, percebeu um bulício esquivo nos
- 15 – matos, qualquer coisa viva se agitando — e, não soube por que, achou que era coisa de Oxóssi, achou até que havia um presságio nas nuvens, que o santo queria avisá-lo de alguma coisa. Ainda mais sendo o dia da semana consagrado a ele, o dia em que — Zé Popó também era obrigado a reconhecer — lhe acontecia a maior parte dos momentos decisivos. Mas estaria aqui mesmo, esse orixá? Que vinha fazer tão longe de seus terreiros e de seu povo, aqui onde não há orixás, mas outras entidades, monstros de cabeça de
- 20 – boi e corpo de serpente com rabo de navalha, segundo contam os homens destas paragens, bem como os argentinos e os orientais? Bem verdade que, diziam os negros vindos mais recentemente da África, Oxóssi era um orixá muito brasileiro, bem mais brasileiro do que africano, pois lá na África se perdia no meio de mais de trezentos outros e muita gente
- 25 – nem se lembrava dele. Assim, não era improvável que tivesse acompanhado seus filhos brasileiros até aqui, para lutar ao lado deles e protegê-los.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.437-438.

O fragmento transcrito e a leitura da obra respaldam as seguintes proposições:

- (01) As dúvidas de Zé Popó revelam seu preconceito em relação às tradições religiosas afro-brasileiras.
- (02) A expressão “nessas coisas” (ℓ. 1) diz respeito a algo referido no capítulo anterior.
- (04) “mas” (ℓ. 1) introduz uma oposição que atenua a declaração negativa “Não que ele acreditasse nessas coisas” (ℓ. 1).
- (08) Ao referir-se a “Ifá” (ℓ. 2) e a “Oxóssi” (ℓ. 3), e ao usar o termo “quizila”(ℓ. 10), — elementos característicos da cultura iorubá — o narrador valoriza a religiosidade afro-brasileira.
- (16) Analisando-se o processo narrativo, percebe-se que a voz do narrador se superpõe à da personagem.
- (32) As ações de Oxóssi, como as de outros orixás também evocados na obra, demonstram que as divindades do candomblé, embora pertencentes a uma realidade superior, interagem com seus filhos na Terra, protegendo-os em suas vidas cotidianas.
- (64) As indagações de Zé Popó ilustram sua progressiva descrença nos valores de seus antepassados.



Questão 06

- Aurélia revoltava-se contra si mesma, por causa daquele momento de fragilidade. Como é que ela depois de haver arrebatado à sua rival o homem a quem amava, e de haver desdenhado esse triunfo, por indigno de sua alma nobre, dava a essa rival o prazer de rezear-se de suas seduções?
- 5 – Descontente, contrariada, cogitava uma vindita desse eclipse de seu orgulho.
— O que é o ciúme? disse de repente sem olhar o marido, e com um tom incisivo. Seixas compreendeu que aí vinha a refega e preparou-se, chamando a si toda a calculada resignação de que se costumava revestir.
- 10 – — Exige uma definição fisiológica, ou a pergunta é apenas mote para conversa?
— Acredita na fisiologia do coração? Não lhe parece um disparate esta ciência pretenciosa que se mete a explicar e definir o incompreensível, aquilo que não entende o próprio que o sente, e que sente-se, sem ter muitas vezes a consciência desse fenómeno moral? Só há um fisiologista, mas esse não define, julga. É Deus, que formando sua criatura do limo da terra, como ensina a Escritura, deixou-lhe ao lado esquerdo, por amassar, uma porção do caos de que a tirou. Quanto ao ciúme, todos nós sabemos mais ou menos a significação da palavra. O que eu desejava era saber sua opinião sobre este ponto: se o ciúme é produzido pelo amor?
- 15 – — Assim pensam geralmente.
— E o senhor?
- 20 – — Como nunca o senti, não posso ter opinião minha.
— Pois tenho-a eu, e por experiência. O ciúme não nasce do amor, e sim do orgulho. O que dói neste sentimento, creia-me, não é a privação do prazer que outrem goza, quando também nós podemos gozá-lo e mais. É unicamente o desgosto de ver o rival possuir um bem que nos pertence ou cobiçamos, ao qual nos julgamos com direito exclusivo, e em que não admitimos partilha. Há mais ardente ciúme do que o do avaro por seu ouro, do ministro por sua pasta, do ambicioso por sua glória? Pode-se ter ciúme de um amigo, como de um traste de estimação, ou de um animal favorito. Eu quando era criança tinha-o de minhas bonecas.

ALENCAR, José de. Romance urbano: Senhora. In: COUTINHO, Afrânio et al. (Org.). **José de Alencar**: ficção completa e outros escritos. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965. p.803-804.

O fragmento transcrito e a leitura do romance permitem afirmar:

- (01) O orgulho é apresentado como um sentimento nobre, que dignifica o ser humano.
- (02) O diálogo revela não só o esforço de Aurélia para dissimular sua indignação diante do marido, como também a aparente indiferença de Seixas em relação aos sentimentos da esposa.
- (04) Demonstrar ciúmes do marido era inadmissível, para Aurélia, pois isso lhe revelaria sua vulnerabilidade.
- (08) Aurélia, ao discorrer sobre o ciúme (l.21-28), busca uma explicação lógica para tal sentimento, ao tempo em que sinaliza para Seixas que, se lhe pareceu ter ciúmes, é porque o considera como sua propriedade.
- (16) A personagem Aurélia é movida por sentimentos apaixonados, mas justifica suas ações através de uma argumentação racional.
- (32) O fragmento põe às claras o materialismo de Seixas e a religiosidade de Aurélia.



Questão 07

- Pois não é que quis descansar as costas por um dia? Sabia que se falasse isso ao chefe ele não acreditaria que lhe doíam as costelas. Então valeu-se de uma mentira que convence mais que a verdade: disse ao chefe que no dia seguinte não poderia trabalhar porque arrancar um dente era muito perigoso. E a mentira pegou. Às vezes só a mentira salva. Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. Arrumou, como pedido de favor, um pouco de café solúvel com a dona dos quartos, e, ainda como favor, pediu-lhe água fervendo, tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio — um tédio até muito distinto.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 41-42.

Considerando-se o fragmento e a obra, é correto afirmar:

- (01) A personagem apresenta-se como um ser dissimulado, astuto e ambicioso.
- (02) A liberdade proporciona a Macabéa um momento de autoconhecimento.
- (04) A felicidade, para Macabéa, reside na superação de desafios cotidianos.
- (08) A declaração “Às vezes só a mentira salva”. (ℓ. 4-5) revela relativismo moral e ironia.
- (16) Solidão e liberdade apresentam-se como ingredientes necessários ao bem-estar da personagem.
- (32) Os motivos da felicidade vivenciada pela personagem apontam para a complexidade de seus projetos existenciais.
- (64) A expressão “as quatro Marias cansadas” (ℓ. 5) revela, simultaneamente, a perda da individualidade dessas personagens e o contraste com a situação de Macabéa, narrada no fragmento.



Questão 08

Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. Num dia de apuro recorreu ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fora vendê-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto.

— Um bruto, está percebendo?

Supunha que o cevado era dele. Agora se a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer a carne? Podia ou não podia? O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo:

— Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso.

Despedira-se, metera a carne no saco e fora vendê-la noutra rua, escondido. Mas, atracado pelo cobrador, gemera no imposto e na multa. Daquele dia em diante não criara mais porcos. Era perigoso criá-los.

[...]

Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 94-96.

O fragmento, contextualizado na obra, apresenta

- (01) as contradições de um poder público descumpridor do seu papel social.
- (02) a ação deformadora do ser humano em face às transformações do sistema.
- (04) um ser humano que oscila entre a resignação e a revolta, na luta pela sobrevivência.
- (08) um ser sonhador, na busca obsessiva do sucesso, em um momento de confronto com as forças adversas que infestam os centros urbanos.
- (16) um momento de colisão entre o protagonista e o antagonista, definidor de um final dramático para a família do retirante.
- (32) duas personagens em confronto, que não abrem mão dos seus princípios e que simbolizam indivíduos isolados por causa de suas convicções arcaicas.
- (64) a personagem Fabiano frustrada em suas expectativas e, por isso, praticando uma ação que contradiz sua postura habitual, a sua personalidade.



Questão 09

Savedra e Julião discutiam a imprensa. O redator do *Século* gabava a profissão de jornalista — quando a gente, já se sabe, tem alguma coisa de seu; mais tarde ou mais cedo apanha-se um nicho, não é verdade? Depois as entradas nos teatros, a influência nas cantoras. Sempre se é um bocado temido...

E o conselheiro, cortando os ovos queimados, saboreando as alegrias da convivência, dizia a Jorge:

— Que maior prazer, meu Jorge, que passar assim as horas entre amigos, todos de reconhecida ilustração, discutir as questões mais importantes, e ver travada uma conversação erudita?... Parecem excelentes os ovos.

A Sr^a. Filomena, então, com solenidade, veio colocar-lhe ao pé uma garrafa de *champagne*.

O Savedra pediu logo para a abrir, porque o fazia com muito *chic*. E apenas a rolha saltou, e, no silêncio que criou a cerimônia, se encheram os copos, o Savedra, que ficara de pé, disse:

— Conselheiro!

Acácio curvou-se, pálido.

— Conselheiro, é com o maior prazer que bebo, que todos bebemos, à saúde dum homem, que — e arremessando o braço, deu um puxão ao punho da camisa com eloquência — pela sua respeitabilidade, a sua posição, os seus vastos conhecimentos, é um dos vultos deste país. À sua saúde, conselheiro!

— Conselheiro! Conselheiro! Amigo conselheiro!

Beberam com ruído. Acácio, depois de limpar os beiços, passou a mão trêmula pela calva, levantou-se comovido, e começou:

— Meus bons amigos! Eu não me preparei para esta circunstância. Se a soubesse de antemão, teria tomado algumas notas. Não tenho a verbosidade dos Rodrigues ou dos Garretts. E sinto que as lágrimas me vão embargar a voz...

Falou então de si, com modéstia [...]

O café foi servido na sala. As velas de estearina punham uma luz triste naquela habitação fria; o conselheiro foi dar corda à caixa de música; e, ao som do coro nupcial da *Lúcia*, ofereceu em redor charutos.

— E a Sr^a. Adelaide pode trazer os licores — disse à Filomena.

Viram então aparecer uma bela mulher de trinta anos, muito branca, de olhos negros e formas ricas, com um vestido de merino azul, trazendo numa bandeja de prata, onde tremelicavam copinhos, a garrafa de *cognac* e o frasco de curaçau.

— Boa moça! — rosnou com o rosto aceso o Alves Coutinho.

Julião quase lhe tapou a boca com a mão. E falando-lhe ao ouvido, olhando o conselheiro, recitou:

Não ouses, temerário, erguer teus olhos
Para a mulher de César!

QUEIROZ, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: FTD, 1994. p. 317-319.

Sobre o fragmento e a obra, pode-se afirmar:

- (01) O narrador, por meio do conselheiro Acácio, evoca um passado heróico de Portugal, descrevendo determinados comportamentos típicos da história europeia e dos ambientes sociais nos quais decorre a intriga.
- (02) As personagens Julião e Savedra têm em comum um comportamento previsível: seus atos ou reações são recorrentes em toda a trama.
- (04) Savedra é uma personagem de comportamento dúbio, um tipo humano que se utiliza do poder da imprensa em benefício próprio.

- (08) O conselheiro Acácio destaca-se por sua pretensa erudição, por seu conservadorismo irreprímível, detentor de um discurso moralizador dos costumes de sua época.
- (16) A presença da Sr^a. Adelaide na cena destacada é indício de uma moralidade aparente do Conselheiro, que não corresponde ao que ele representa na vida pública.
- (32) Julião exemplifica um tipo humano defensor de uma religiosidade intolerante e da instituição do casamento como formas de regenerar moralmente a sociedade portuguesa.
- (64) O narrador descreve acontecimentos dos quais tomou parte, como confidente dos personagens, ouvindo as suas aventuras, as desilusões ou os triunfos.



Questão 10

RETRATO DE FAMÍLIA

Este retrato de família
está um tanto empoeirado.
Já não se vê no rosto do pai
quanto dinheiro ele ganhou.

Nas mãos dos tios não se percebem
as viagens que ambos fizeram.
A avó ficou lisa, amarela,
sem memórias da monarquia.

Os meninos, como estão mudados.
O rosto de Pedro é tranqüilo,
usou os melhores sonhos.
E João não é mais mentiroso.

O jardim tornou-se fantástico.
As flores são placas cinzentas.
E a areia, sob pés extintos,
é um oceano de névoa.

No semicírculo das cadeiras
nota-se certo movimento.
As crianças trocam de lugar,
mas sem barulho: é um retrato.

Vinte anos é um grande tempo.
Modela qualquer imagem.
Se uma figura vai murchando,
outra, sorrindo, se propõe.

Esses estranhos assentados,
meus parentes? Não acredito.
São visitas se divertindo
numa sala que se abre pouco.

Ficaram traços da família
perdidos no jeito dos corpos.
Bastante para sugerir
que um corpo é cheio de surpresas.

A moldura deste retrato
em vão prende suas personagens.
Estão ali voluntariamente,
saberiam — se preciso — voar.

Poderiam sutilar-se
no claro-escuro do salão,
ir morar no fundo dos móveis
ou no bolso de velhos coletes.

A casa tem muitas gavetas
e papéis, escadas compridas.
Quem sabe a malícia das coisas,
quando a matéria se aborrece?

O retrato não me responde,
ele me fita e se contempla
nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam

os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se foram
dos que restaram. Percebo apenas
a estranha idéia de família

viajando através da carne.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia: A rosa do povo. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Carlos Drummond de Andrade**: obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p.180-181.

São afirmações verdadeiras sobre o poema:

- (01) O sujeito poético, numa atitude contemplativa, percebe a realidade enfocada, contudo, em seguida, o objeto contemplado é ele próprio.
- (02) O retrato, objeto que se interpõe entre o sujeito poético e a realidade sonhada, funciona como um elemento dissipador de mágoas do passado em família.
- (04) O sujeito poético se vê como um indivíduo rebelde que se infiltra no mundo da família, para enxergá-la no seu aspecto negativo, isto é, alienador.
- (08) O objeto real focado — o retrato — se transforma em abstração, quando os seus limites são quebrados, fundindo presente e passado na memória do sujeito poético.
- (16) A realidade do retrato é ampliada, numa dimensão temporal e espacial, por meio do fluxo da memória.
- (32) O eu lírico, ao falar do retrato, destaca a ação corrosiva do tempo sobre os seres e objetos do cotidiano.
- (64) O retrato evoca uma imagem melancólica do passado, no sujeito poético, e, com isso, ele passa a viver uma relação de desencanto com o presente.

